

## NÚCLEO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS DA INFÂNCIA (NEFI)

Walter Omar Kohan,  
Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

*Educação, pensamento e filosofia. Forças políticas do ensinar e do aprender.*

Os trabalhos a seguir são uma produção de membros da linha de pesquisa “Infância, educação e filosofia” do grupo de pesquisa “Educação, pensamento e filosofia. Forças políticas do ensinar e do aprender”, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Trata-se de uma linha que tematiza as relações entre os conceitos de educação, infância e filosofia, com foco tanto na exploração da dimensão filosófica da prática educacional das crianças quanto na infância como dimensão inexplorada da experiência educativa de sujeitos de todas as idades. Nesse campo se inscrevem os três trabalhos aqui propostos. O texto “Experiências do pensamento na música-filosofia com crianças: cores, sons e maçãs”, de Vanise de Cássia de Araujo Dutra Gomes e Neila Ruiz Alfonzo, explora a prática da filosofia como experiência de pensamento por crianças de uma escola municipal de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. De forma mais específica, o texto explora uma sequência de exercícios organizados a partir do encontro entre a filosofia e a música. “O que faz com que uma experiência seja filosófica?” “O que faz com que uma experiência seja musical?” “Quais são as possíveis conexões entre essas experiências?” são algumas das perguntas que norteiam um texto que analisa também o modo em que as crianças pensam sua própria relação com a música. Por sua vez, podemos situar o trabalho “Conversa das palavras: infância, educação, brincar, escola” de Alessandra Lopes e Ana Corina Salas nas interfaces entre arte, educação e filosofia. Ele não é apenas uma reflexão sobre o brincar na educação infantil mas um exercício de brincar na própria experiência da escrita acadêmica universitária. Nesse jogo, a infância se desloca da cronologia a “um olhar, uma atenção, uma atitude sensível à experiência” que faz das palavras objeto de uma brincadeira que ajuda a pensar a palavra infantil. Finalmente, o texto “Cenários e *cenar*: experiência e escrita na pesquisa com crianças”, a cargo de Edna Olímpia da Cunha e Maria Reilta Dantas Cirino, toma como seu tema de pesquisa a escrita escolar, se interroga pela sua relação com a experiência a partir da prática de duas professoras de escola pública que, afetadas pelas experiências do filosofar com crianças em contextos diferentes (Rio de Janeiro; Rio Grande do Norte), pensam as relações entre pesquisa e escrita no entrecruzamento da filosofia e a educação escolar e universitária. No seu conjunto, os três textos se entrelaçam, atravessam, dialogam entre si, no contexto mais amplo de uma estética educacional. Juntos eles nos ajudam a refletir sobre diversas dimensões (musical, artística, escritural) da experiência de filosofia junto, a partir de e na infância. De maneira diversa, com estilos próprios eles contribuem para pensar uma estética infantil no campo das práticas filosóficas escolares.

## EXPERIÊNCIAS DO PENSAMENTO NA MÚSICA-FILOSOFIA COM CRIANÇAS: CORES, SONS E MAÇÃS...

Vanise de Cássia de Araujo Dutra Gomes  
Neila Ruiz Alfonzo

Desejamos compartilhar as experiências de pensamento que temos realizado com a pesquisa de *filosofia com criança* através do projeto de extensão universitária intitulado *Em Caxias a Filosofia en-caixa? A Escola Pública Aposta no Pensamento* desenvolvido na Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha em Duque de Caxias, RJ, como parte das atividades do grupo de pesquisa do qual participamos - PROPED/NEFI. Temos com o projeto a oportunidade de organizar experiências filosóficas com as crianças de turmas do Ensino Fundamental a partir da ideia e do desafio de possibilitar uma experiência do pensamento no encontro entre música e filosofia. O projeto tem nos convidado a pesquisar a filosofia com criança na escola pública e apresentado possibilidades de experimentar, pensar e ser de outras maneiras, de compreender as ações e as transformações vividas pelos sujeitos praticantes do projeto dentro da escola, destacando a singularidade das práticas e a multiplicidade dos processos que tecem a experiência filosófica na escola e como isso se dá através da participação ativa, reflexiva, estética e sensível entre os sujeitos. Aqui destacamos uma sequência de encontros que nos forçam a pensar a filosofia e a música na escola em seus planos próprios de criação e também de coexistência, compondo um rico tecido polifônico: “pensamento como heterogênesse” (DELEUZE & GUATTARI, 1997). Temos na “experiência” (KOHAN, 2000) uma noção potente para realizarmos os encontros com as crianças, na medida em que nos abre para um movimento que é da ordem da intensidade, uma viagem sem destino certo, com possíveis riscos e perigos. Nesse movimento muitas perguntas vão sendo tecidas na intensidade dos encontros com as crianças: o que faz com que uma experiência seja filosófica? O que faz com que uma experiência seja musical? Quais são as possíveis conexões entre essas experiências? Como a infância potencializa essas experiências? A que escola estamos nos referindo quando pensamos a experiência do pensamento no encontro com a música-filosofia? Seria a escola proposta como *skholé* (tempo livre)? Dialogamos com Deleuze & Guattari, Santos, Kohan, Larrosa e Masschelein & Simons para pensarmos essas e outras perguntas. Dialogamos também com as crianças quando dizem das experiências que viveram nesses encontros. Somos como que viajantes nos caminhos que vamos compondo com as forças que nos atravessam. Utilizaremos como fonte de pesquisa transcrições de filmagens e gravações de áudio para resgatar os diálogos dos encontros que trazemos aqui. Interessa-nos pensar o convite que as experiências filosóficas musicais com as crianças tem nos levado a habitar: lugares e tempos não vividos na escola até então, que nos apresentam modos diferentes de escutar e compor o mundo.

**Palavras-chave: Filosofia; Música; Infância.**

## CONVERSA DAS PALAVRAS: INFÂNCIA, EDUCAÇÃO, BRINCAR, ESCOLA

Alessandra de Barros Piedras Lopes

Ana Corina Salas Correa

*Bolsista do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação - PEC-PG, do CNPq – Brasil*

No livro *A conversa das palavras* (MASUR; TEIXEIRA 2009), as palavras vão se apresentando, conversando, e ao escutarem umas às outras, algumas se tocam e se propõem diferentes. No *NEFI (Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância)*, o movimento é similar, vamos nos apresentando – às nossas pesquisas, ideias, questões, ao que estranhamos, ao que nos encanta e nos arrebatam –, dando-nos forma e reinventando-nos nas conversas que marcam nossos encontros. Neste texto, propomos uma conversa entre duas dessas pesquisas. Uma estuda as relações entre arte e educação em uma escola de educação infantil; a outra estuda as relações professor-alunos no projeto de extensão universitária, desenvolvido pelo próprio núcleo, Em Caxias a Filosofia en-caixa?! A escola publica aposta pensamento. Falamos em “con-versar”, e logo a palavra nos convida a dar voltas juntos. Um girar, uma brincadeira que nos faz assumir posições con-juntas, e, assim, nos deslocar a cada encontro. Brincando, propomo-nos a procurar o que o brincar nos possibilita: libertar-nos de restrições e expandir nosso campo de ação (NACHMANOVITCH, 1993). Brinquemos! Imaginemos as palavras se percebendo ditas e ouvidas por nós ao mesmo passo que nós nos percebemos ditos e ouvidos pelas palavras. A **Infância**, mexida pelo que dela dizem: *ausente de palavra* (KOHAN, 2007), movimenta-se, buscando outros sentidos. Ela se reinventa como um olhar, uma atenção, uma atitude sensível a *experiências* (BONDIA, 2002) que, ao nos transformarem, criam e renovam o mundo. Uma infância que aproxima crianças e adultos dos *mundos* (DELEUZE, 1988-1989) uns dos outros. A palavra **Educação**, ao sentir a **Infância** sair de seu lugar, se vê puxada por ela. O **Brincar** resolve convocá-las a dar voltas na **Escola**. Ficamos intrigadas. O que pode essa conversa? Achamos interessante pensar nas possíveis formas em que essas quatro palavras se atravessam, se interrompem, se habitam, se relacionam. Em discurso direto, neste texto, brincamos de buscar sentidos nas experiências lúdicas com crianças, que nos passaram nas escolas pelas quais passamos. Questionamo-nos se da pesquisa em grupo, assim como do filosofar, faz parte um com-partilhar e um estar junto que nos oferecem não só encontros possíveis, mas uma experiência particular de mundo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). Parcerias e encontros que comportam tanto a sensibilidade aos signos que um outro emite quanto a escolha por uma experiência que se faz no coletivo, onde somos atravessados, interrompidos, complementados, potencializados por tudo que encontramos em nosso caminho, por tudo que encontramos no mundo e que passa, então, a nos habitar a partir de movimentações incessantes que nos fazem necessariamente sair de nós mesmos e ir ao mundo (DELEUZE, 1988-1989).

**Palavras Chaves: Infância; Brincar; Escola.**

## CENÁRIOS E *CENAS*: EXPERIÊNCIA E ESCRITA NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Edna Olímpia da Cunha  
Maria Reilta Dantas Cirino

As relações com a escrita têm nos provocado inúmeras situações desafiadoras em nossa prática com o/a alunos/as da graduação, do ensino médio e crianças da educação infantil e do ensino fundamental. A nossa própria relação com escrita no contexto das práticas pedagógicas e de pesquisas institucionalizadas é posta em questão. Como escrever? Como fazer emergir, brotar a escrita? Com os/as nossos/as alunos/as temos feito vários ensaios e nos envolvidos em situações de “provocar a escrita”, indicando descobrindo “caminhos de escrever.” Mas, de que escrita estamos falando? A escrita acadêmica? Seria essa a escrita a qual teríamos dificuldade de fazer nascer? O que é escrever? Somos incitados a escrever sobre o quê? Quais as relações que vivenciamos com a escrita? Esse texto procura dialogar com a relação entre a escrita e aquele/a que tenta/busca, se propõe a ensaiar, a escrever. Escrita como vida? (KOHAN, 2013). Para escrever é suficiente ter uma ideia? (ONDJAKI, 2012). Tomamos como inspiração para esse diálogo *cenias* vivenciadas em contextos escolares e fragmentos dos textos de Kohan (2013) e Ondjaki (2012), os quais atribuem à escrita o elo com a experiência, no sentido de envolvimento intenso com algo que nos afeta e nos provoca a comunicar, a dialogar com outros, a falar do que nos atravessa por dentro. Esse texto, portanto, nasce do encontro de duas professoras que, exercendo suas práticas em diferentes contextos de ensino, foram afetadas pelas experiências do filosofar com crianças. Nesses cenários são vivenciadas experiências filosóficas com crianças através do projeto Em Caxias, a filosofia en-caixa? Em nossos encontros com as crianças brotam *cenias*, acontecimentos, que têm trazido questões potentes para pensar a relação entre pesquisa e escrita. O diálogo com as crianças, a escuta, o silêncio compõem o cenário que tem nos convidado permanentemente a abrir mão de nossas certezas, abalando muitas vezes os referenciais com os quais temos nos habituado pensar a relação entre escola e universidade, ensino e aprendizagem, pesquisa e escrita. Acolher o convite à intensidade, à entrega das crianças nas experiências filosóficas - que elas mesmas deram o nome de “experiências de pensamento” - é, ao mesmo tempo, acolher as surpresas no caminho, correr o risco dos des-caminhos, dos desvios, acolher o que nos estrangeiriza, o que nos escapa ao controle. *Cenias* de um filme cujo enredo é um enigma, as personagens são multifacetadas num tempo-espaço em criação. *Cenias*, fragmentos dos nossos encontros com as crianças, no dia a dia de uma escola pública...Como transformar o que temos vivido, experimentado com elas numa pesquisa? Como traduzir em palavras uma experiência, transformando-a numa escrita em que o pensar sobre a própria escrita está em jogo?

**Palavras-chave: Filosofia; Escrita; Experiência.**